

"Sou uma professora informatizada"

Gláucia da Silva Brito
Haudrey Fernanda Bronner

Discursos frente à escrita na internet

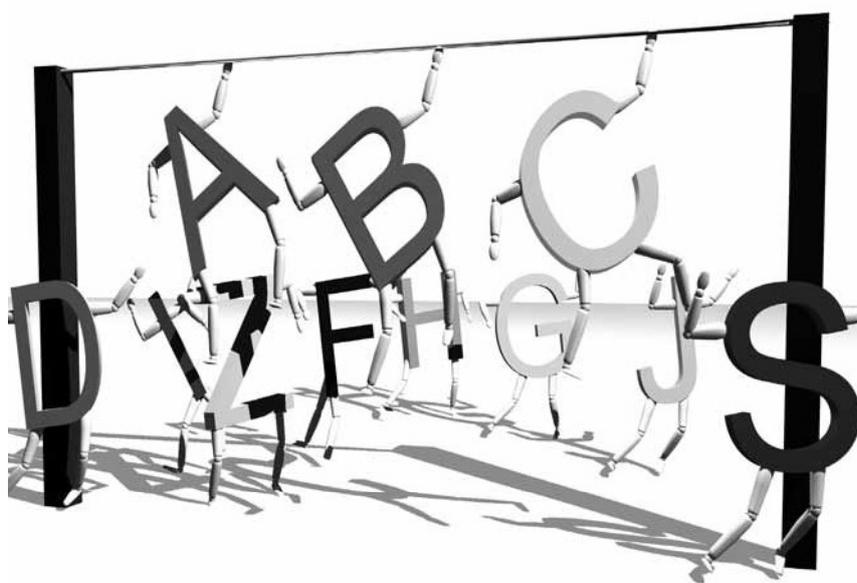
Com base em linguistas de conceito, as autoras elaboram reflexões a respeito da escrita na internet.

Uma pesquisa piloto foi realizada por meio eletrônico com professoras de Língua Portuguesa para a discussão do tema.

O objetivo foi verificar quais são os discursos apresentados por esses profissionais e sua concepção linguística sobre o internetês

Na década de 90, quando a internet já estava com seu espaço garantido na sociedade, surgiu uma maneira diferenciada de grafar a Língua Portuguesa digitalmente, decorrente das necessidades de seus usuários. Comunicadores instantâneos como *Internet Relay Chat* (IRC), *I Seek You* (ICQ) e *Messenger* (MSN)¹, este mais utilizado atualmente, começaram a comportar uma escrita com abreviações, ícones, *emoticons*² e imagens animadas que ficou popularmente conhecida como "internetês", termo utilizado inclusive, por alguns linguistas e pesquisadores da área, como Possenti (2006) e Faraco (2007).

Entretanto, como cada criação ou modificação na língua gera discussão – Possenti (2002, p. 22) lembra o caso do ex-ministro Magri com a palavra "imexível" –, o "internetês" também vem causando grandes debates entre gramáticos e linguistas. Porém, é perceptível que a "voz" predominante na sociedade é a dos gramáticos, que tentam proteger a Língua Portuguesa contra o "assassinato a tecladas", que ocorre diariamente na internet, como denominou Silva (2007). Grande parte da população corrobora este pensamento,



mesmo sem ter conhecimento aprofundado sobre o tema. Inclusive nas escolas, professores encontram-se confusos diante de tanta criatividade linguística de seus alunos e apresentam dificuldade para tratar o assunto em sala de aula.

Com inúmeros movimentos tecnológicos e digitais, fala-se numa nova relação cultural, conhecida como cibercultura. Definida por Lévi (1999, p. 19), cibercultura é um "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamen-

to e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do 'ciberespaço' oportunizando novas relações com o saber, com a linguagem (convergência de mídias) e inclusive, com a língua", entendendo-se ciberespaço, conforme Silva (2003, p.195), como "novo meio de comunicação que surge com a interconexão mundial de computadores". Freitas (2006, p.16) complementa dizendo que "o ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita".

Neste movimento cultural e digi-



tal, é importante refletir sobre diferentes maneiras de se comunicar, pensar em linguagem e língua e como, os professores estão se apropriando e adentrando neste percurso com as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs).

Internetês

Não é só no ambiente digital que a escrita passa por turbulências. Ao observar alguns momentos da história, é possível perceber que as gírias, as histórias em quadrinhos e, até mesmo, as variações linguísticas sofreram e até hoje sofrem o preconceito, conforme Bagno (2006). Ou seja, tanto a língua manifestada de maneira oral quanto a escrita é vista como “errada” quando é utilizada de maneira diferente da gramática normativa.

A liberdade proporcionada pela internet tem incentivado muito mais as práticas de leitura e escrita, segundo Xavier (2007, p. 2). Os jovens e adolescentes passam horas “teclando” uns com os outros, exercitando assim, as práticas de leitura e escrita tão desejadas pelos professores. De acordo com o autor, esta liberdade proporcionou

também o surgimento de uma nova maneira de grafar a língua em ambientes digitais. Com o objetivo de se comunicar de forma rápida e personalizada foi criada uma escrita abreviada e com elementos pertencentes ao próprio suporte, como os *emoticons* e *gifs*³ animados. E assim, como afirmou Possenti (2007), a Língua Portuguesa está acompanhando as tecnologias.

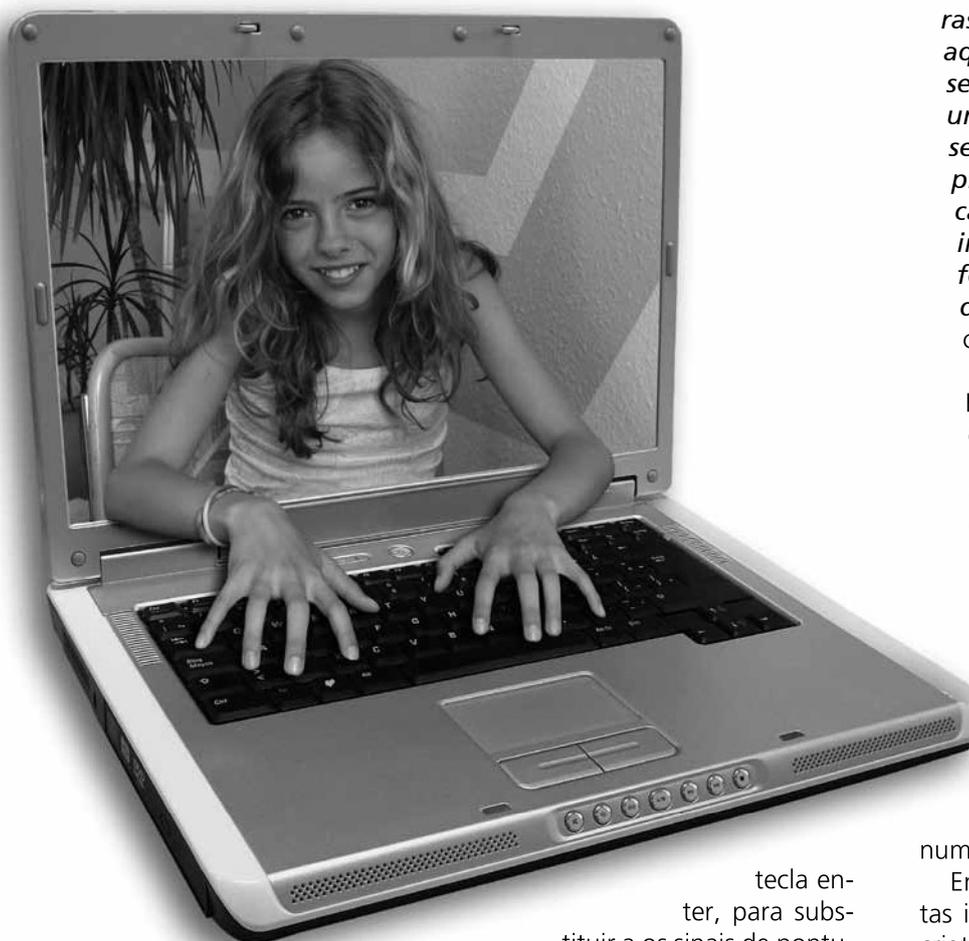
É importante deixar claro que o “internetês” é um modo de grafar as palavras e não uma língua, pois não muda, nem influencia a lin-

A Língua Portuguesa está acompanhando as tecnologias. O “internetês” é um modo de grafar as palavras e não uma língua, pois não muda, nem influencia a linguagem oral

guagem oral. Segundo Faraco:

O ‘internetês’ nada mais é do que uma espécie de taquigrafia. É apenas um modo de grafar a língua que se tornou necessário nos chamados chats. Quando escrevemos, não conseguimos acompanhar o ritmo da fala. Por isso, inventamos estes sistemas taquigráficos, estenográficos e assemelhados. Foi exatamente o que aconteceu nas conversas na internet. O ‘internetês’ é, neste sentido, uma solução e não um problema. (Faraco, 2007, p.17)

Quando se está diante de um interlocutor no momento comunicativo, além da fala e sua prosódia (entonação da fala), bem como o ritmo falado – bem mais rápido do que o ritmo da escrita –, usam-se expressões faciais e corpóreas, gestos e retomadas de explicações, tudo com o objetivo de comunicar-se de forma eficaz, ou seja, de forma que a compreensão do que está sendo dito seja a mais completa possível. Como na escrita estes recursos citados não estão presentes, para Freitas (2000), é preciso utilizar outros que possam su-



pri-los, quando a comunicação ocorre em tempo real, isto é, de forma síncrona. A comunicação que só acontecia face a face, agora também se dá "tela a tela" de acordo com Bernardes; Vieira (2006, p.47).

Algumas características desta escrita virtual foram levantadas por Palmiere (2005, p.3) como

- o rompimento das fronteiras entre o oral e escrito, originado uma mescla fonética e alfabética;
- a supressão de letras (principalmente vogais), de acentuação, sinais gráficos, de pontuação (que marca fronteira oracional);
- uso excessivo de sinais de pontuação, especialmente os pontos de interrogação, exclamação e reticências na tentativa de aproximar-se da entonação da fala;
- utilização de símbolos, ícones, algarismos;
- utilização de letras maiúsculas ou repetição de letras para marcar a entonação (associando com a linguagem oral);
- construção de frases curtas (dinamismo), com o uso excessivo da

tecla enter, para substituir a os sinais de pontuação que marcam as fronteiras oracionais;

- utilização de letras a mais (como a letra H) para substituir o som aberto (acento agudo) das palavras ou para marcar a nasalização (substituição do sinal gráfico til, como em não -> naum).

É uma maneira de se comunicar de forma mais livre, como se pode observar nas características levantadas pela autora. Porém não é uma ortografia totalmente aleatória, pois existem regras, apesar de não serem seguidas à risca, como ressalta Possenti (2006, p.30). Aproxima-se de sistemas de escritas silábicos, onde as consoantes são privilegiadas. O autor também lembra que a mudança de suporte (pedra, papiro, papel, monitor) é um dos fatores responsáveis por mudanças da escrita. Marcuschi ainda completa dizendo que

observa-se que a escrita dos bate-papos, por exemplo, tende a ser mais abreviada. Aparecem muitas abreviaturas, mas boa parte delas é artificial, localmente decidida e não vinga. Essas abreviaturas são passagei-

ras e servem apenas para aquele momento. Mas outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio. Isso significa que há uma contribuição inegável dessa escrita para a formação de novas variedades comunicativas. (Marcuschi, 2005, p.63)

A pesquisa realizada por Brito (2006), a qual será tratada posteriormente, mostra que as palavras escritas em internetês com frequência não variam muito. Podem até apresentar diferenças, como em beijos, que pode ser grafada bjs, bjos, bjus, mas não diferem disso. É o cânone que Marcuschi cita. Qualquer outra variação da grafia de beijos, na internet, acaba sendo passageira usada

numa única vez.

Entretanto, como já citado, estas inovações e manifestações de criatividade com a grafia da língua ainda não são totalmente aceitas pelos professores, principalmente os de Língua Portuguesa. A pesquisa realizada e apresentada a seguir mostrará como ainda existe resistência e preconceito por parte dos professores em aceitar e debater em sala de aula com seus alunos esta forma diferente de grafar a língua.

Para Brito essa resistência e preconceito não é

somente pela Internet ou o uso do computador. Sua resistência é muito mais pela inovação da metodologia de suas aulas de Língua Portuguesa. Inovar as metodologias de sala de aula dá trabalho, principalmente quando pensamos que, para ensinar Língua Portuguesa hoje, o professor deve considerar como objeto de estudo os textos produzidos por pessoas que dominam a leitura e a escrita. Os textos são a síntese de toda a produção cultural da época em que vivemos, e a escrita na Internet faz parte dessa nossa produção neste momento. (Brito, 2007)

Entender que a escrita pode sofrer variação quando grafada no computador ainda é algo novo e muitas vezes só é visto como 'erro' pelos professores. Bagno (2007) comenta que se a variação linguística – constituída de dialetos e sotaques regionais/culturais, presente há bem mais tempo na sociedade, que é objeto de estudo de pesquisadores voltados à Sociolinguística - ainda sofre com barreiras, preconceitos, mitos e desrespeito, por parte da população em geral, a escrita e suas forma de grafia de acordo com o suporte, contexto e interlocutor, está apenas começando sua trajetória de aceitação.

É equivocado fazer a equiparação de "língua falada" a "informalidade", e de "língua escrita" a "formalidade", como se não existissem usos falados formais e usos escritos informais, como se não houvesse um amplo espectro de variação estilística pontuado pelos múltiplos gêneros textuais que circulam na sociedade, como se a heterogeneidade intrínseca da língua não se manifestasse também na escrita. (Bagno, 2007, p.19)

Assim, pode-se dizer, utilizando as idéias de Bagno, que a língua é heterogênea na fala e, por que esta heterogeneidade não pode ser manifestada na escrita, não só em relação a variação estilística, mas em relação a uma grafia diferente?

A visão de erro apontada por Bagno (2006), na qual tudo que difere da norma padrão, da gramática normativa está errado, e que está intrínseca nos professores de Língua Portuguesa, deve ser reelaborada tanto na língua falada como na escrita. Pois como afirma Possenti (2002, p. 94), "não existem textos errados e textos corretos, mas fundamentalmente, textos mais ou menos adequados, ou mesmo inadequados a determinadas situações". E esta é chave para romper com o preconceito linguístico difundido na sociedade e despertar nos alunos o interesse em estudar a língua. Possenti (2002, p.83) continua enfatizando que "o papel da escola não é ensinar uma variedade no lugar de outra, mas criar condições para que os

A língua é heterogênea na fala. Por que esta heterogeneidade não pode ser manifestada na escrita, não só em relação à variação estilística, mas em relação a uma grafia diferente?

alunos aprendam também as variedades que não conhecem". É tornar os alunos políglotas numa mesma língua, pois "aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas". (Possenti, 2002, p. 92)

Neste sentido, o professor deve assumir uma nova identidade e postura frente às Tecnologias da Informação e Comunicação que estão presentes na sociedade em geral e, principalmente, na vida de seus alunos. Saviani (1991, p.87) corrobora este pensamento afirmando que o professor precisa ultrapassar o caráter meramente acadêmico e profissionalizante e conhecer o sistema produtivo, bem como as inovações tecnológicas. Para completar o pensamento do autor retoma-se a idéia de que este professor comprometido com a

educação de seus alunos em prol da construção do conhecimento e que entende o papel mediador dos recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem atual, agora também se depara com "novos processos de produção e construção do texto escrito" (Brito, 2006, s/p.) e deve a partir disso romper barreiras.

Para tanto, é necessário um trabalho pedagógico em que o professor reflita sobre sua ação escolar e elabore e operacionalize projetos educacionais com a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação. Esse educador deverá entender três coisas, citadas por Brito (2007):

1. que o simples uso das tecnologias não assegura a eficiência do processo de ensino-aprendizagem e não garante uma "inovação" ou "renovação" das metodologias de ensino no ambiente educacional.

2. que a produção e a circulação de textos na Internet trazem desafios para a educação formal das novas gerações.

3. que essa forma de escrita acontece num suporte específico (o computador) e tem configurações diferentes conforme a ferramenta (processador de texto, MSN, e-mail, etc.) que é utilizada.

Cabe, portanto, ao professor mostrar isso ao seu aluno com atividades práticas, de preferência uti-



lizando o ambiente informatizado da escola. Ele tem de mostrar ao estudante que produzir textos é se comunicar e que cada gênero textual exige uma configuração particular, ou seja, deve estar adequado ao lugar, contexto e interlocutor.

A pesquisa

Com base nos estudos citados e em algumas constatações de experiências vivenciadas no âmbito escolar pensou-se em pesquisar qual a relação que os professores de Língua Portuguesa apresentam com a escrita realizada na internet, bem como, que concepções de Língua são reveladas em seus discursos quando questionados sobre a utilização desta escrita e ainda, como tratam o assunto quando a escrita da/na internet aparece em produções textuais de seus alunos na escola.

Baseando-se na experiência de Brito (2006), que realizou uma pesquisa com 100 pessoas entre professores e alunos de diversos cursos e níveis, enviando por e-mail a questão: "Você costuma abreviar ou escrever palavras de

É equívoco comparar língua falada à informalidade e língua escrita à formalidade

forma "diferente" no messenger, no e-mail, no orkut, no fotolog? – Se você respondeu sim, escreva pelo menos duas palavras que você abrevia ou escreve "diferente" com maior frequência", foi realizado um estudo piloto neste mesmo sentido a fim de comparar os resultados obtidos com os já adquiridos anteriormente. Porém, este piloto foi enviado apenas para professores de Língua Portuguesa e não foi realizado por e-mail, mas por outra forma de comunicação digital, o site de relacionamento chamado "Orkut".

Na pesquisa de Brito (2006), dos 100 participantes, 26 alunos e 34 professores responderam a questão, mas, como entre os professores, seis responderam negativa-

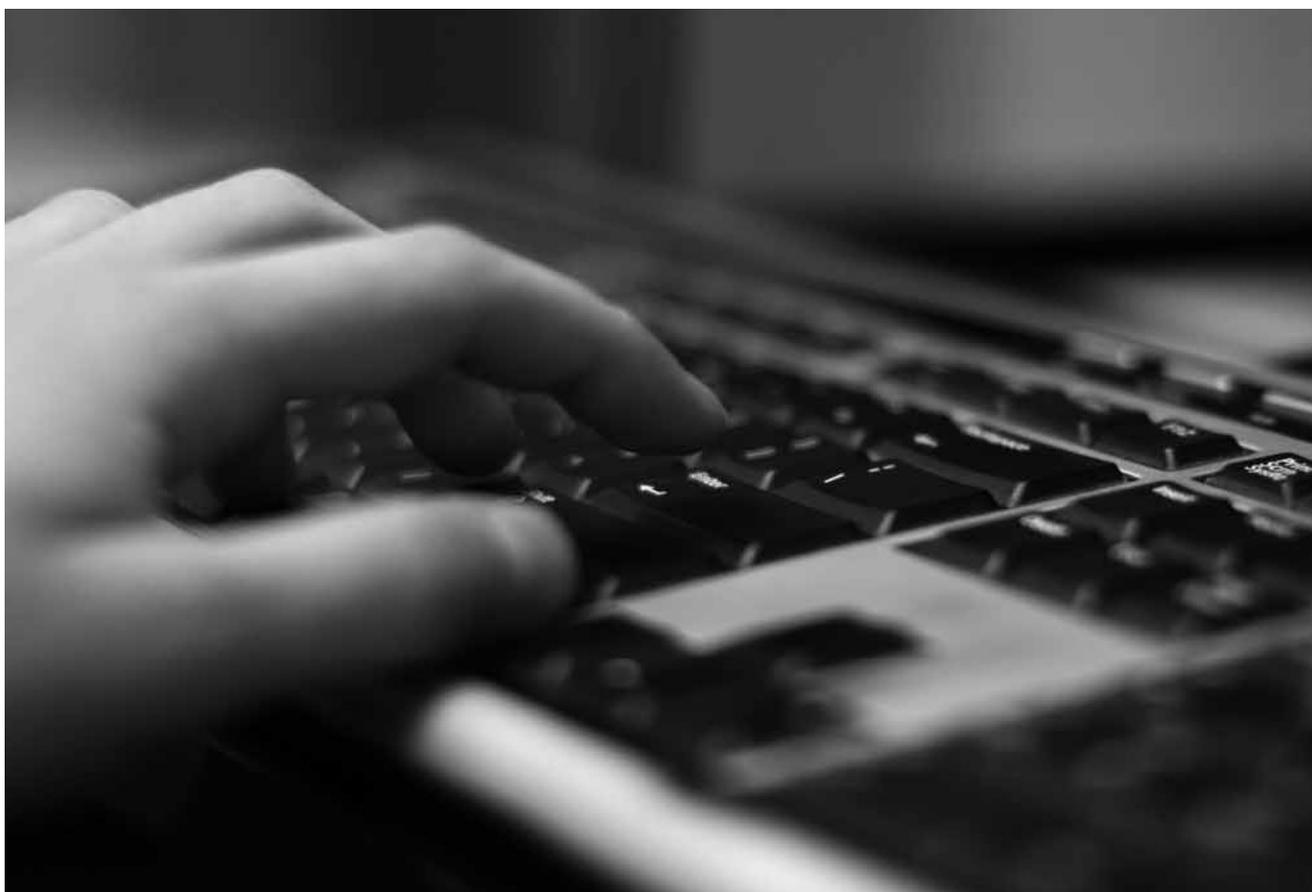
mente o uso de abreviações ou escrita diferenciada, 54 respostas foram usadas para análise. Nessa pesquisa, a autora concluiu, a partir dos dados coletados, que a escrita utilizada na Internet é informal e traz as características da diversidade e variabilidade do português falado no Brasil.

O piloto baseado na pesquisa relatada acima aconteceu no mês de junho/2007 e consistia em três questões que foram enviadas via Orkut para 50 professores de Língua Portuguesa, como já citado anteriormente, e para 50 alunos de 5ª a 8ª série. Eram elas:

1 - Você é professor do Ensino Fundamental? De qual disciplina? (esta pergunta foi exclusiva para os professores a fim de garantir a participação de apenas professores de Língua Portuguesa).

2 - Você costuma abreviar ou escrever palavras de forma "diferente" no messenger, no e-mail, no orkut, no fotolog (...)?

3 - Se você respondeu sim, escreva pelo menos duas palavras que você abrevia ou escreve "diferente" com maior frequência.



Dos 50 professores, apenas nove responderam às questões e, entre eles, seis afirmaram utilizar a escrita diferenciada, um respondeu “às vezes” e dois responderam negativamente. Dos 50 alunos, dez responderam às questões afirmando utilizar a escrita abreviada. As palavras citadas como escritas de forma “diferente” na internet, não apresentaram diferença das levantadas pela pesquisa de Brito (2006). Entre elas, podem-se citar como exemplos: vc (você) a mais citada, pq (porque), td (tudo), bjs, bjos, bjus (beijos), tb, tbm, tbem (também), entre outras.

O número de respostas foi bem abaixo do esperado, mas possíveis explicações por hipóteses são que, mesmo professores e alunos conectados, ativos na internet, não se sentem à vontade em responder questionamentos para pesquisadores que desconhecem, ou mesmo participando de sites de relacionamentos, os professores não estão tão conectados quanto se imagina, ou ainda, os professores não estão dispostos a conversar sobre o tema, a não ser com seus pares, talvez por se sentirem avaliados.

Mesmo com o baixo retorno de respostas, com o intuito de ampliar a pesquisa, foram escolhidos quatro professores dentre os nove que haviam respondido o piloto, sendo dois que responderam “sim” à utilização da escrita diferenciada e dois que responderam “não”, a fim de realizar um comparativo entre as respostas. Foi enviada, por e-mail, a proposta de participação na continuidade da pesquisa, bem como o questionário (anexado ao e-mail). Dos quatro professores, apenas um respondeu que iria participar, porém nenhum deles retornou o questionário respondido, mesmo após três semanas de solicitação.

Com o objetivo de seguir com a pesquisa foi enviado, via e-mail, o questionário a oito professoras de uma das 11 escolas que ofertam 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba. Entretanto, nenhuma respondeu.

Partindo para uma terceira tentativa de obter respostas, foi esco-



lhida dentre as comunidades do site de relacionamento Orkut, uma com 181 participantes, intitulada “Eu sou professor de Português” e nos tópicos pertencentes à comunidade, um com a questão “Onde você leciona e como é”. Pelo fato de professores estarem dispostos a responder aos fóruns de comunidades nas quais pertencem pessoas de todo o país, pensou-se na possibilidade de que estariam abertos a responder às questões, mesmo desconhecendo o pesquisador. Foi enviada para seis professores a proposta de participação na pesquisa, sendo que quatro aceitaram participar e, entre esses, apenas dois retornaram o questionário.

Como o número de devolução foi abaixo do esperado, em outra comunidade do Orkut, esta denominada “Professores de Português” com 322 participantes, foi enviada a proposta para sete professores que haviam participado de um fórum “Por qual razão resolveu ser professor de Português?”, sendo esta uma das questões do questionário da pesquisa. Entre os sete

professores, quatro retornaram pedindo o questionário para participar, mas somente dois responderam.

Após toda essa trajetória para conseguir que professores de Língua Portuguesa respondessem um questionário voltado a sua área de trabalho, totalizaram-se quatro vitoriosos questionários respondidos.

O instrumento de pesquisa foi elaborado com questões amplas e abertas para que o professor pudesse expressar-se livremente, expondo sua opinião a respeito do tema. O roteiro original era composto por onze perguntas, além dos dados destinados à caracterização dos entrevistados. Neste artigo, entretanto, pretende-se focar apenas as questões que remetem à relação da escrita na internet e a percepção dos professores sobre ela, incluindo suas práticas em sala de aula. As questões a serem analisadas são as seguintes:

1. Você utiliza o computador em suas atividades diárias (pessoais e profissionais)? Como?

2. Você utiliza a Internet em suas aulas de Língua Portuguesa?

3. Veja este recado postado num site de relacionamento na internet:

“qria fala tds ad qualidads dessa guria...

eh d+ naum kberia

qria fala o qnto eu amo ela...

naum dah pra dizer com palavras

qria dizer o qnto ela eh importanti pra mim...

ia fik mto grandi

a unik coisa q posso fala eh...

NUNK C SQUEÇA DI MIM”

**Cabe ao professor
mostrar ao estudante
que produzir textos é
se comunicar e que
cada gênero textual
deve estar adequado
ao lugar, contexto e
interlocutor**

Você já viu este tipo de escrita? Qual sua opinião sobre ela? Você a utiliza ou não? Por que você (não) a utiliza? Se sim, em quais palavras?

4. Seus alunos já usaram esta escrita em textos escolares? Como você tratou este assunto? Se não, como você imagina que trataria?

A fim de analisar as respostas fornecidas pelos professores, optou-se em trabalhar com três professoras, até porque o último questionário só foi devolvido quando a análise já estava em fase final. A seguir, as respostas fornecidas pelas professoras às quatro questões, sendo a última desdobrada em duas partes:

V. quadro na página seguinte

Análise dos dados obtidos

A análise foi realizada baseada na perspectiva lingüística dialógica de Mikhail Bakhtin, que diz:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. Elas introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (...) Em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade. (Bakhtin, 1997, p.314)

Na tentativa de buscar e identificar as vozes dos outros no discurso das professoras de Língua Portuguesa, serão apresentadas algumas constatações. Para uma melhor organização da análise, as professoras serão referenciadas por códigos: professora 1, professora 2 e professora 3, respectivamente, em relação à ordem apresentada no quadro.

Ao se observar o discurso das professoras percebe-se que as três afirmam utilizar o computador profissionalmente, como fonte de pesquisa. No contexto atual é imprescindível a reflexão sobre o fato de o computador, mais especificamente, a internet, ainda ser vista, por muitos indivíduos, inclusive professores, somente como fonte de pesquisa. Não haveria outras potencialidades a ser exploradas

A língua é viva, é dinâmica, e o aluno deve saber explorar suas potencialidades em diferentes possibilidades. A internet permite a liberdade criativa do uso da língua. Cabe agora, ao professor, aliar passado e presente, visando o futuro.

na internet? Qual a visão de interação e interatividade proporcionada pela internet? Nesta fala pode-se perceber a “voz dos primeiros usuários da internet”, os que participaram do movimento da web 1.0. Contudo, hoje se fala em web 2.0, ou seja, a internet com interatividade e já se pensa na web 3.0, a web semântica (internet personalizada a cada indivíduo), a internet com a convergência de mídias.

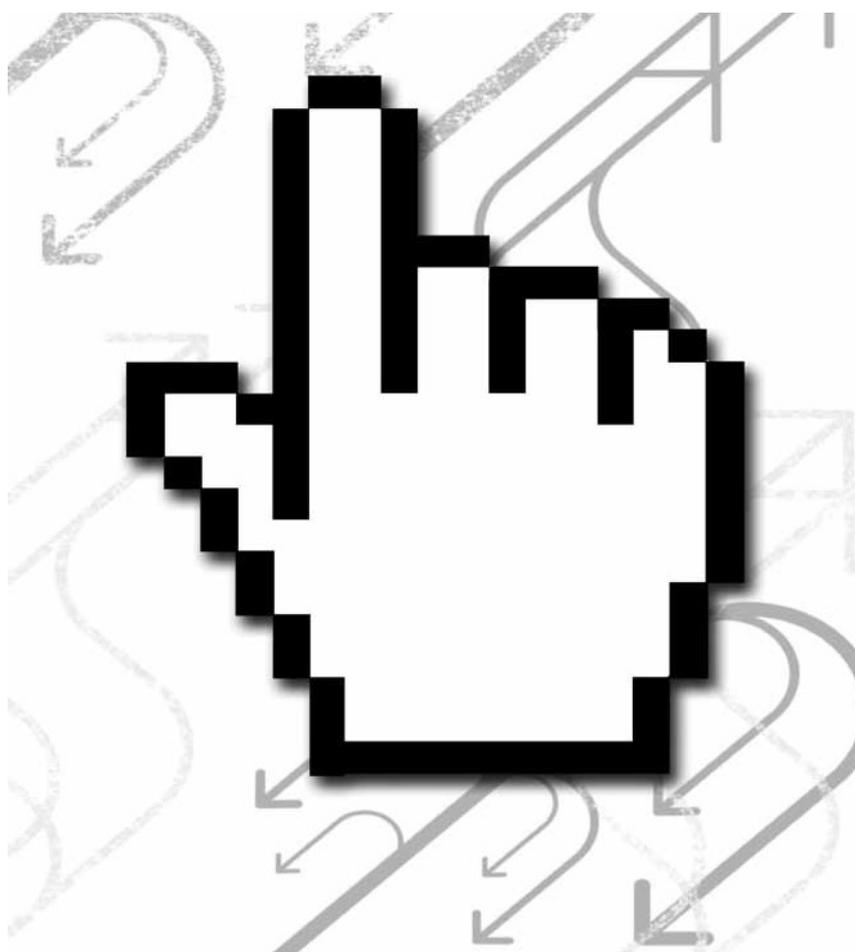
A única professora a afirmar que utiliza a internet com outros objetivos também, ou seja, para seu próprio lazer, além de utilizar recursos específicos da escrita na internet, como “rsrsrsrs” ainda afirma: “Sou uma professora informatizada”. Este discurso revela a “voz dos que tentam adentrar no mundo tecnologizado”, porém não se sabe qual a qualidade, a concepção de tecnologia e de que forma acontece este processo de inserção.

Já em relação ao uso da internet em sala de aula, as professoras em uníssono respondem que levam para suas aulas o que pesquisam na web, mas não levam seus alunos ao laboratório de informática. Apenas uma delas diz não haver o laboratório de informática na escola em que trabalha. Este receio demonstrado pelas professoras em utilizar os recursos tecnológicos diretamente com seus alunos é explicado por Brito e Purificação (2006, p.32). Além do receio, outra possível explicação para a não utilização dos laboratórios de informática é a falta de planejamento específico para a utilização deste ambiente.

Em relação ao questionamento sobre a utilização da escrita na internet, duas professoras demonstraram preocupação quanto ao seu uso em contexto, lugar e interlocutor inadequados. Uma das professoras ainda disse possuir a gramáti-



PROFESSORA 01 24 anos Bahia	PROFESSORA 02 38 anos Bahia	PROFESSORA 03 33 anos Rio de Janeiro
QUANTO À UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR (PESSOAL E PROFISSIONALMENTE) PELA PROFESSORA		
Sim, fazendo trabalhos acadêmicos.	Sim. Gosto muito de visitar as páginas de pesquisa, há muita coisa nova que precisa ser conhecida. Além de preparar minhas atividades todas no computador. Ademais, gosto de salas de bate papo, msn, orkut... Sou uma professora informatizada rrsrrsrrsrrs...	Apenas como fonte de pesquisa, elaborações de atividades e anotações. Infelizmente não utilizo como material didático, pois não há disponível nas escolas onde leciono.
SOBRE O USO DA INTERNET EM SUAS AULAS		
De certa forma, sim, pois busco temas na internet para levar para as aulas.	Sim. Gosto de pegar exemplos de conversas de msn e scraps para trabalhar ortografia e a nova modalidade da língua virtual. Além de também ser excelente para trabalhar diversidade linguística, a linguagem jovem é fantástica.	Como disse no item anterior, infelizmente não.
SOBRE A ESCRITA NA INTERNET		
Esse tipo de escrita é muito comum e não gosto dela. Oriento meus alunos a tomarem cuidado, pois – por incrível que pareça – ela é levada para as produções escritas em sala de aula. Utilizo apenas as abreviações de “você” (vc) e de “também” (tb).	Sim. Leio bastante sobre a linguagem da internet e tenho algumas produções sobre isso. Antes pensava que ela só trazia malefícios para a escrita dos adolescentes, porém hoje já penso diferente. Penso que é uma forma inteligente, simplificada e codificada que eles encontraram para escrever, sem falar que buscam a agilidade da escrita. Por ser professora de português tenho dificuldade para utilizá-la, mas uso, por exemplo: pq, q, vc, tb, hj... simplificações que não implicam em mudança na ortografia como é o caso de “grandi, nunk” etc, encontrados acima. uso simplesmente para ganhar tempo.	É o que mais vejo. Seria apenas mais uma variante da língua se fosse usada apenas como tal. O que me preocupa é que as pessoas estão trazendo para o dia-a-dia. Esse tipo de linguagem é criativa e funcional. É mais fácil e interessante que a da gramática. Onde isso vai dar é que eu ainda não sei. Arrisco uma ou outra palavra como vc, tb, mas acho muito difícil para mim que já tenho a gramática internalizada.
SOBRE O USO DESTA ESCRITA POR SEUS ALUNOS E COMO TRATA A SITUAÇÃO		
Sim. Conversei com eles sobre os perigos desse tipo de escrita e percebi que alguns ficaram surpresos, pois achavam que era normal, que poderiam utilizá-lo no ambiente escolar.	Não. Meus alunos não costumam usar essa escrita em seus textos. Como tratei acima, naturalmente, observando para que não torne um vício e venha prejudicar a escrita formal, mas apenas para atender os objetivos já mencionados anteriormente.	Estão sempre fazendo uso deste tipo de escrita. Procuro dizer que a escola trabalha com a variedade formal e que é mais adequado que ele não utilize este tipo de linguagem em trabalho escolares, a não ser que esteja contextualizado.
COMO IMAGINA QUE DEVERIA SER A ATITUDE DO PROFESSOR DIANTE DO INTERNETÊS		
Corrigir o aluno, dar exemplos semelhantes e mostrar como isso prejudica o entendimento do que eles estão escrevendo se a pessoa não tiver conhecimento acerca do assunto (escrita na internet).	Trabalhá-la com naturalidade, mostrando que é uma linguagem da internet e não para ser usada formalmente e em outras instâncias.	Por enquanto acho que deve fazer o que tenho feito. Não sei se é correto e ainda estou meio perdida em relação a isso tudo. Gostaria até de pedir orientações e indicações de textos que falem sobre isso para melhorar ou modificar minha postura se eu estiver errada.



ca internalizada. Por acaso, só os professores de Língua Portuguesa possuem esta gramática? Ou será que vemos crianças, mesmo as que não são alfabetizadas, dizendo “cachorro gosto eu de”? Todos têm a gramática internalizada! E diante deste discurso, essa professora relaciona a língua – seu uso – exclusivamente à gramática. Pode-se perceber a presença da “voz dos gramáticos” nesta afirmação.

A professora 2 relata sua experiência inicial com preconceito diante da escrita na internet e, após, com uma nova concepção de língua diante das inovações tecnológicas. Inclusive, garante utilizar a escrita diferenciada na internet para “ganhar tempo”.

Apesar dos receios de algumas e da quebra de paradigmas de outra, as três professoras utilizam abreviações na internet. Seria, pelo menos o início, da “voz dos linguistas” que, como Possenti (2002, p.37), afirmam que a língua é mutável? Será que Possenti

se refere apenas à mutabilidade na oralidade?

Ao se tratar diretamente da escrita na internet, duas professoras dizem que seus alunos usam esta escrita na escola. A atitude da professora 1 é “corrigir o aluno”. Revela-se a antiga “voz da sociedade” que exige e vê o professor como dono do saber, sendo sua função maior, a correção dos “erros” dos alunos. É possível ver o trabalho das forças centrípetas, ou seja, as vozes dominantes na sociedade, a voz do poder, conforme Bakhtin (1993, p. 82).

A professora 1 ressalta a impor-

Em relação ao uso da internet, as professoras em uníssono respondem que levam às salas o que pesquisam na web, mas não levam seus alunos ao laboratório de informática

tância do interlocutor adequado para que a comunicação seja eficiente. E a professora 2 diz não perceber o uso da escrita na/da internet por seus alunos, pois trabalha “naturalmente” mostrando que esta escrita é para “atender objetivos” como ganhar tempo. Esta professora demonstrou acreditar – e assim, também reproduz – que a escrita na internet tem este objetivo. Contudo é possível questionar se este é o único motivo pelo qual os usuários, principalmente, os adolescentes, usam esta escrita. Novamente percebe-se a “voz dos que tentam adentrar no mundo tecnologicado”, mas sem terem definida a concepção de tecnologia e sem compreender as potencialidades da internet, bem como a escrita diferenciada utilizada no suporte digital.

Nos discursos das professoras, ainda, percebe-se a “voz do tradicionalismo”, do querer que tudo permaneça como está, ignorando que o que se tem hoje também é resultado de um processo de transformação.

Considerações finais

Diante dos estudos, dados e análises apresentadas, é importante considerar que, mesmo no percurso de aceitação desta maneira diferenciada de grafar a língua em um ambiente interativo, é possível difundir uma nova visão, com abertura e flexibilidade entre os professores de Língua Portuguesa.

Acredita-se que o professor com concepções claras e atuais sobre educação, língua, comunicação e tecnologia pode ser a alavanca que acionará a mudança em relação ao ensino da Língua numa perspectiva dialógica e adequada ao mundo contemporâneo.

Percebe-se que a resistência inicial quanto à escrita na internet vem, aparentemente, diminuindo de maneira lenta, mas contínua. O próprio relato da professora 2 deixou clara uma visão inicial mais preconceituosa, para mais tarde utilizá-la e discuti-la em sala de aula.

É preciso começar o movimento de conscientização sobre a língua dentro da escola, com professores



reflexivos, críticos e abertos a aceitarem as mudanças que ocorrem social, cultural e historicamente na Língua Portuguesa. Os alunos necessitam de esclarecimentos sobre as diferentes formas de falar e de escrever de acordo com o contexto, lugar e interlocutor com o qual vão se comunicar. Essencial se faz compreender a língua nesta perspectiva da comunicação, interação, de língua que serve aos seus usuários e não, usuários que servem a uma língua.

A língua é viva, é dinâmica e o aluno deve saber explorar suas potencialidades em diferentes possibilidades, sem medo de ser visto como o "errado". Neste sentido, a internet vem permitir a liberdade criativa de uso da língua, num ambiente propício à exploração desta. Cabe agora, ao professor, aliar passado e presente, visando o futuro.

E assim é preciso continuar a refletir sobre este processo da escrita na internet com questões como: O que o professor deve/precisa saber sobre esta escrita? O que ele quer saber? Como mobilizá-lo para que haja abertura em seu discurso e sua prática? Como deve ser a formação inicial e continuada do professor de Língua Portuguesa?

Glauca da Silva Brito

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora e pesquisadora do curso de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Coordenadora Pedagógica da CIPEAD e Coordenadora Adjunta da UAB.

Haudrey Fernanda Bronner Foltran Cordeiro

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Linha de Pesquisa: Cultura, Escola e Ensino, sob a orientação da professora Dra. Glauca da Silva Brito. Dissertação defendida em 2009, "Eu iscrevu em internetês ☺: o discurso de professores de língua portuguesa sobre a escrita na/dá internet". Professora da Rede Municipal de Educação de Curitiba na Docência II (Inglês) e na Docência I.

Notas e referências



1. IRC - Internet Relay Chat (Conversa em tempo real pela Internet); ICQ – I seek you (Eu procuro você); MSN – Messenger (Mensageiro).
 2. Caracteres que formam expressões e sentimentos.
 3. Desenhos animados, com movimento.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
 - _____. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2006.
 - BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
 - _____. Questões de Literatura e de Estética. São Paulo: Unesp, 1993.
 - BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula M. Teixeira. O chat como produção de linguagem. IN: FREITAS, M. T.; COSTA, S. R. (org). Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.45-64.
 - BRITO, Glauca da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia. Educação e novas tecnologias: um repensar. Curitiba: IBPEX, 2006.
 - BRITO, Glauca da Silva. A linguagem utilizada na internet. Disponível em: http://www.educacional.com.br/entrevistas/interativa_adultos/entrevista008.asp, acesso

em 10ago2007.

- _____. Os professores frente à Internet: o que há de novo na escrita "internetês". VI ANPED SUL - Seminário de Pesquisa da Região Sul. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. O internetês e a constante mutação da Língua Portuguesa. IN: Notícias da UFPR, abril, 2007, p. 16-17.
- FREITAS, Maria Teresa de A. & COSTA, Sérgio Roberto (org). Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREITAS, Maria Tereza de A. Escrita teclada: uma nova forma de escrever? In: 23ª. Reunião Anual da ANPED. Caxambu, MG, 2000.
- LEVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- PALMIERE, Denise Telles Leme. "Chateando" com jovens e adolescentes: a construção da escrita na Internet por grupos de diferentes faixas etárias. Disponível em <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/chateando-com-jovens-306.pdf?SQMSESSID=a>

38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c
Acesso em 25mai2007.

- POSSENTI, Sírio. Educação na era digital – Entrevista com mestres. Disponível em <http://acao.globo.com/Acao/0,23167,3775-p-20070602,00.html>. Acesso em 02/06/07.
- _____. Você entende internetês? IN: Discutindo a Língua Portuguesa, nº 2, Editora Escala Educacional, 2006, p. 28-33.
- _____. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez, 1991.
- SILVA, D. Internetês: Você aceita este tipo de linguagem? (comunicação verbal) In: Programa Altas Horas. Rio de Janeiro: Globo. 19/08/07.
- SILVA, Marcos. Docência Interativa presencial e online. In: SILVA, M. Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.
- XAVIER, Antonio Carlos. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Reflex%F5es%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%EAneros%20digitais.pdf>. Acesso em 25mar2007.